



A Santa Sé

SANTA MISSA NA SOLENIDADE
DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI

*Paróquia de São Tomás de Vilanova, Castel Gandolfo
Sábado, 15 de Agosto de 2009*

*Venerados irmãos
no Episcopado e no Sacerdócio
Prezados irmãos e irmãs*

A solenidade hodierna coroa o ciclo das grandes celebrações litúrgicas nas quais somos chamados a contemplar o papel da Bem-Aventurada Virgem Maria na História da salvação. Com efeito, a Imaculada Conceição, a Anunciação, a Maternidade Divina e a Assunção são etapas fundamentais, intimamente ligadas entre si, com que a Igreja exalta e canta o glorioso destino da Mãe de Deus, mas nas quais podemos ler também a nossa história. O mistério da concepção de Maria evoca a primeira página da vicissitude humana, indicando que, no desígnio divino da criação, o homem deveria ter tido a pureza e a beleza da Imaculada. Aquele desígnio, comprometido mas não destruído pelo pecado, através da Encarnação do Filho de Deus, anunciada e realizada em Maria, foi recomposto e restituído à livre aceitação do homem na fé. Finalmente, na Assunção de Maria contemplamos aquilo que somos chamados a alcançar no seguimento de Cristo Senhor e na obediência à sua Palavra, no final do nosso caminho na terra.

A última etapa da peregrinação terrena da Mãe de Deus convida-nos a olhar para o modo como Ela percorreu o seu caminho rumo à meta da eternidade gloriosa.

No trecho do Evangelho há pouco proclamado, São Lucas narra que, depois do anúncio do Anjo, Maria "pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha", para visitar Isabel (Lc 1, 39). Dizendo isto, o evangelista quer sublinhar que para Maria seguir a própria vocação, na docilidade ao Espírito de Deus, que nela realizou a encarnação do Verbo, significa percorrer uma nova vereda e empreender imediatamente um caminho fora da própria casa, deixando-se conduzir

unicamente por Deus. Comentando a "pressa" de Maria, Santo Ambrósio afirma: "A graça do Espírito Santo não comporta lentidões" (*Expos. Evang. sec. Lucam*, II, 19: *pl* 15, 1560). A vida de Nossa Senhora é conduzida por Outro — "Eis a serva do Senhor: faça-se em mim segundo a tua palavra" (*Lc* 1, 38) — é modelada pelo Espírito Santo, é assinalada por acontecimentos e encontros, como aquele com Isabel, mas sobretudo pela relação particularíssima com o seu Filho Jesus. É um caminho em que Maria, conservando e meditando no coração os acontecimentos da própria existência, vislumbra neles de modo cada vez mais profundo o misterioso desígnio de Deus Pai, para a salvação do mundo.

Depois, seguindo Jesus de Belém para o exílio no Egito, na vida escondida e na pública, até aos pés da Cruz, Maria vive a sua ascensão constante a Deus no espírito do *Magnificat*, aderindo plenamente, também no momento da obscuridade e do sofrimento, ao projecto de amor de Deus e alimentando no coração o abandono total nas mãos do Senhor, de maneira a ser paradigma para a fé da Igreja (cf. *Lumen gentium*, 64-65).

Toda a vida é uma ascensão, a vida inteira é meditação, obediência, confiança e esperança, mesmo nas obscuridades; e toda a vida é esta "pressa sagrada", que sabe que Deus é sempre a prioridade, e nada mais deve causar pressa na nossa existência.

E finalmente, a Assunção recorda-nos que a vida de Maria, como a de cada cristão, é um caminho no seguimento, na sequela de Jesus, um caminho que tem uma meta específica, um futuro já traçado: a vitória definitiva sobre o pecado e sobre a morte, e a comunhão plena com Deus, porque — como diz Paulo na Carta aos Efésios — o Pai "nos ressuscitou e nos fez sentar lá nos Céus, em Jesus Cristo" (*Ef* 2, 6). Isto quer dizer que com o Baptismo, fundamentalmente, já ressuscitamos e estamos sentados nos Céus em Jesus Cristo, mas corporalmente temos que completar aquilo que já foi começado e realizado no Baptismo. Em nós, a união com Cristo, a ressurreição, está incompleta, mas para a Virgem Maria ela é completa, não obstante o caminho que também Nossa Senhora pôde percorrer. Ela entrou na plenitude da união com Deus, com o seu Filho, e atrai-nos e acompanha-nos no nosso caminho.

Então, em Maria que subiu aos céus nós contemplamos Aquela que, por um privilégio singular, com a alma e com o corpo, se tornou partícipe da vitória definitiva de Cristo sobre a morte. "Terminando o curso da sua vida terrena — diz o Concílio Vaticano II — foi levada à glória celeste em corpo e alma, e exaltada pelo Senhor como Rainha do Universo, para que se parecesse mais com o seu Filho, Senhor dos Senhores" (cf. *Ap* 19, 16) e vencedor do pecado e da morte" (*Lumen gentium*, 59). Na Virgem da Assunção ao céu contemplamos a coroação da sua fé, daquele caminho de fé que Ela indica à Igreja e a cada um de nós: Aquela que em cada momento acolheu a Palavra de Deus, subiu ao céu, ou seja, Ela mesma foi acolhida pelo Filho naquela "morada", que nos preparou com a sua morte e ressurreição (cf. *Jo* 14, 2-3).

A vida do homem na terra — como nos recordou a primeira leitura — é um caminho que se

realiza, constantemente, na tensão da luta entre o dragão e a mulher, entre o bem e o mal. Esta é a situação da história humana: é como uma viagem num mar frequentemente borrascoso; Maria é a estrela que nos orienta para o seu Filho Jesus, "Sol nascido acima das trevas da história" (cf. *Spe salvi*, 49) e concede-nos a esperança de que temos necessidade: a esperança de que podemos vencer, que Deus venceu e que, com o Baptismo, entramos nesta vitória. Não sucumbimos definitivamente: Deus ajuda-nos e guia-nos. Esta é a esperança: esta presença do Senhor em nós, que se torna visível em Maria que subiu ao céu. "Nela (...) — leremos daqui a pouco no Prefácio desta Solenidade — fizestes resplandecer para o vosso povo peregrino sobre a terra, um sinal de consolação e de esperança segura".

Com São Bernardo, místico cantor da Virgem Santa, assim a invocamos: "Suplicamos-te, ó bendita, pela graça que Tu encontraste, por aquelas prerrogativas que Tu mereceste, pela Misericórdia que Tu deste à luz, faz com que Aquele que por ti se dignou tornar-se partícipe da nossa miséria e enfermidade, graças à sua intercessão, nos torne partícipes das suas graças, da sua bem-aventurança e da sua glória eterna, Jesus Cristo, teu Filho, nosso Senhor, que está acima de todas as coisas, Deus bendito nos séculos dos séculos. Amém" (*Sermo 2 de Adventu*, 5: *pl* 183, 43).

© Copyright 2009 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana